

AXÉ DAS MÃES NEGRIAS



NARRATIVAS DE MULHERES
NEGRIAS DE COMUNIDADES
PERIFÉRICAS DE NITERÓI/RJ

Márcia Regina Alves de Carvalho | Mônica Regina Ferreira Lins

**Axé das Mães Negras:
Narrativas de Mulheres Negras
de Comunidades Periféricas de Niterói/RJ**

UERJ – UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Centro de Educação e Humanidades (CEH)
Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAp-UERJ)
Programa de Pós-graduação de Ensino em Educação Básica (PPGEB)

Reitora: Gulnar Azevedo e Silva
Vice-reitor: Bruno Rêgo Deusdará Rodrigues

Diretora do CAp-UERJ: Mônica Andrea Oliveira Almeida
Vice-diretora: Deborah da Costa Fontenelle

Coordenadora do PPGEB: Maria Cristina Ferreira dos Santos
Vice-coordenador do PPGEB: Leonardo Freire Marino

Coordenadora do Núcleo de Extensão, Pesquisa e Editoração:
Carlos Henrique Fonseca

Coordenador de Editoração:
Alexandre Xavier Lima

CONSELHO EDITORIAL
Alexandre Xavier Lima
Deborah da Costa Fontenelle
Elizandra Martins Silva Juliana de Moraes Prata

COMISSÃO CIENTÍFICA
Angélica Maria Reis Monteiro (U.PORTO)
Daniel Suárez (UBA)
Edmea Santos (UFRRJ)
Jorge Luiz Marques de Moraes (CPII)
José Humberto Silva (UNEB)
Marcus Vinicius de Azevedo Basso (UFRGS)
Rogerio Mendes de Lima (CPII)
Waldmir Araujo Neto (UFRJ)

BANCA AVALIADORA
Prof.^ª Dr.^ª Monica Regina Ferreira Lins (UERJ)
Prof.^ª Dr.^ª Jone Carla Baião (UERJ)
Prof.^ª Dr.^ª Alessandra Pio Silva (UFRRJ)

Axé das mães negras: Narrativas de Mulheres Negras de Comunidades Periféricas de Niterói/RJ

Marcia Regina Alves de Carvalho
Mônica Regina Ferreira Lins



FICHA TÉCNICA

Axé das Mães Negras: Narrativas de Mulheres Negras de Comunidades Periféricas de Niterói/RJ

Produto Educacional desenvolvido no curso
de Mestrado Profissional do PPGEBCAp/UERJ

Áreas

Ensino e Educação

Nível de Ensino

Ensino fundamental

Público-alvo

Gestores e Professores

Autoras

Marcia Regina Alves de Carvalho

Monica Regina Ferreira Lins

Canal de Veiculação

Portal da EduCAPES e página do PPGEBCAp/UERJ

Projeto Gráfico

Marcia Regina Alves de Carvalho

Monica Regina Ferreira Lins

Daniel Designer

Editoração

Marcia Regina Alves de Carvalho

Monica Regina Ferreira Lins

Imagens

Arquivo Pessoal das autoras

Divulgação

Meio digital

Idioma

Português

CATALOGAÇÃO NA FONTE

C331 Carvalho, Marcia Regina Alves de

Axé das mães negras: narrativas de mulheres negras de comunidades periféricas de Niterói/RJ. / Marcia Regina Alves de Carvalho, Monica Regina Ferreira Lins. – Rio de Janeiro: CAp-UERJ, 2025.

25 p. : il.

Produto educacional elaborado no Mestrado Profissional do PPGEB/CAp/UERJ.

ISBN: 978-65-5134-006-2

1. Mulheres - Teses. 2. Maternidade - Teses. 3. Acompanhamento escolar. I. Lins, Monica Regina Ferreira. II. Título.

CDU 37

UERJ/REDE SIRIUS/CAP/A

Emily Dantas CRB-7 / 7149 - Bibliotecário responsável pela elaboração da ficha catalográfica.

Brasil
Rio de Janeiro
2025



**AxÉ DAS MÃES NEGRAS
NARRATIVAS DE MULHERES NEGRAS DE
COMUNIDADES PERIFÉRICAS DE NITERÓI/RJ**

Márcia Regina Alves de Carvalho | Mônica Regina Ferreira Lins

Diagramação: @_danieldesigner_



SUMÁRIO

Introdução	8
Quem é esta mulher-mãe trabalhadora que fala nesta pesquisa	9
Localizando as mulheres da pesquisa	11
Um pouco da realidade da mulher negra trabalhadora	13
O que esta mulher fala para a escola?	16
A escola é fundamental	17
A escola é acolhimento de diferentes arranjos familiares	18
O amor das mães é mais do que afeto	19
As redes de apoio à família na comunidade	20
A escola pode fazer uma educação antirracista e antissexista	21
A potência do diálogo entre escola e mães	22
Como as escolas fazem diferença na vida destas mulheres?	23
O que as mulheres nos dizem sobre as políticas que fazem diferença em suas vidas?	24
Como continuar este diálogo na escola?	25
Conclusão	26
Referências bibliográficas	29



INTRODUÇÃO

As narrativas das mulheres que trazemos nessa pesquisa são carregadas de histórias, memória, força, resistência e coragem. Histórias de mães que atravessaram e atravessam mares profundos para garantir a sua sobrevivência e, sobretudo, para garantir a sobrevivência de seus filhos e de suas filhas.

Pretendemos trazer com o Produto Educacional AXÉ DAS MÃES NEGRAS, histórias que precisam ser contadas. Notícias que revelem a força da transformação que pode existir na experiência da maternidade dessas mulheres.

Chamamos esse produto de AXÉ DAS MÃES NEGRAS pelo significado da palavra AXÉ: Energia vital encontrada em todos os seres vivos e que impulsiona o universo. A palavra AXÉ, de origem iorubá, significa força, poder, energia presente em todas as coisas. AXÉ é vida e deste fundamento emana a força que assegura a existência da comunidade e a partir dele as possibilidades se concretizam.

A maternidade para as mulheres que entrevistamos tem sido, conforme seus relatos, uma experiência carregada de dualidade. Por um lado, é difícil, cansativo e solitário, por outro lado é uma vivência que cria laços profundos, constrói afeto e dá sentido à vida de muitas mulheres. Para a pesquisa fizemos entrevistas com cinco mulheres negras, mães de alunos e alunas que já estavam matriculados (as) em escolas municipais da Rede Municipal de Niterói, trabalhadoras e moradoras de comunidades periféricas. Para preservar a identidade das mulheres empregamos nomes fictícios ao longo do Ebook. Usamos imagens disponibilizadas pelas próprias entrevistadas e no final trazemos algumas imagens de afeto também selecionadas pelas mulheres. Essas imagens de afeto foram selecionadas por elas pois de alguma forma manifestam a conexão entre elas, seus filhos e filhas e a escola.

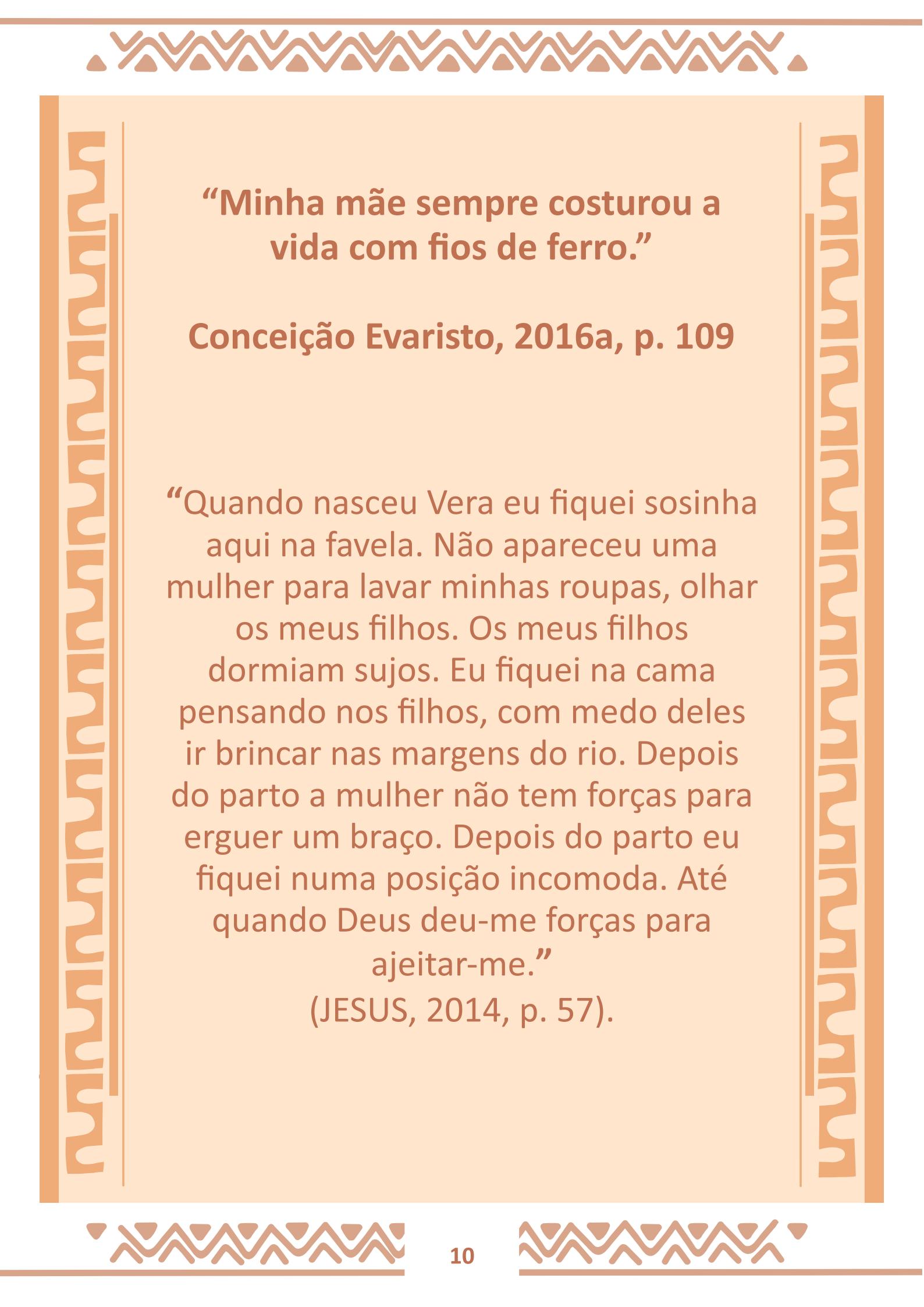
O Produto Educacional é um instrumento que potencializa as trajetórias das mulheres e suas estratégias de cuidado e de acompanhamento e, ao mesmo tempo, colabora para que os agentes escolares ampliem seus conhecimentos e reflexões sobre a realidade das famílias que frequentam a escola pública.



QUEM É ESSA MULHER-MÃE-TRABALHADORA NEGRA QUE FALA NESTA PESQUISA?



IMAGEM CEDIDA PELA MULHER ENTREVISTADA AQUI IDENTIFICADA COMO NEUZA. A PESQUISADORA E AS MULHERES PARTICIPANTES DA PESQUISA DEFINIRAM QUE, ASSIM COMO NA DISSERTAÇÃO, USARÍAMOS NO EBOOK OS NOMES FICTÍCIOS.



“Minha mãe sempre costurou a vida com fios de ferro.”

Conceição Evaristo, 2016a, p. 109

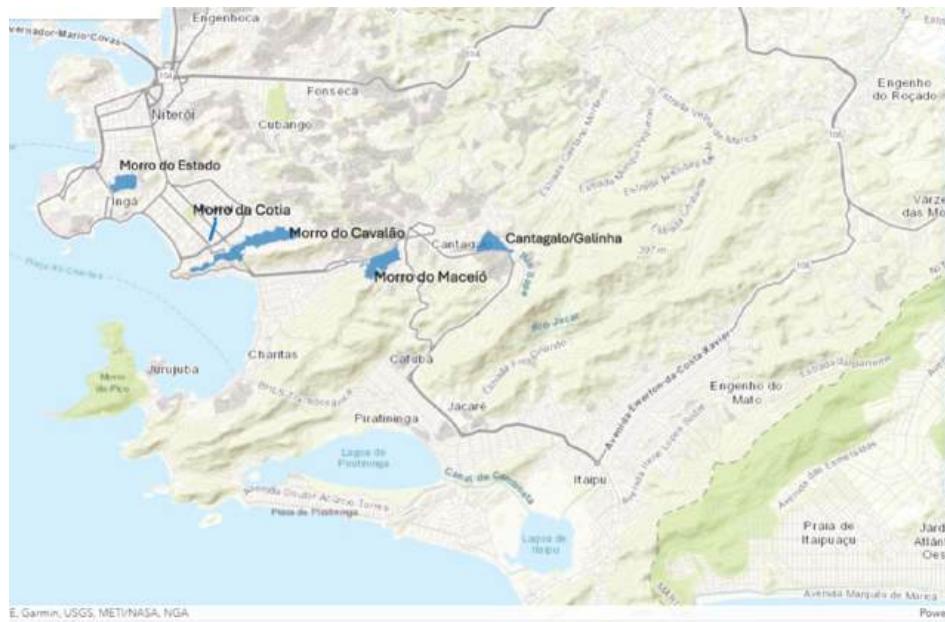
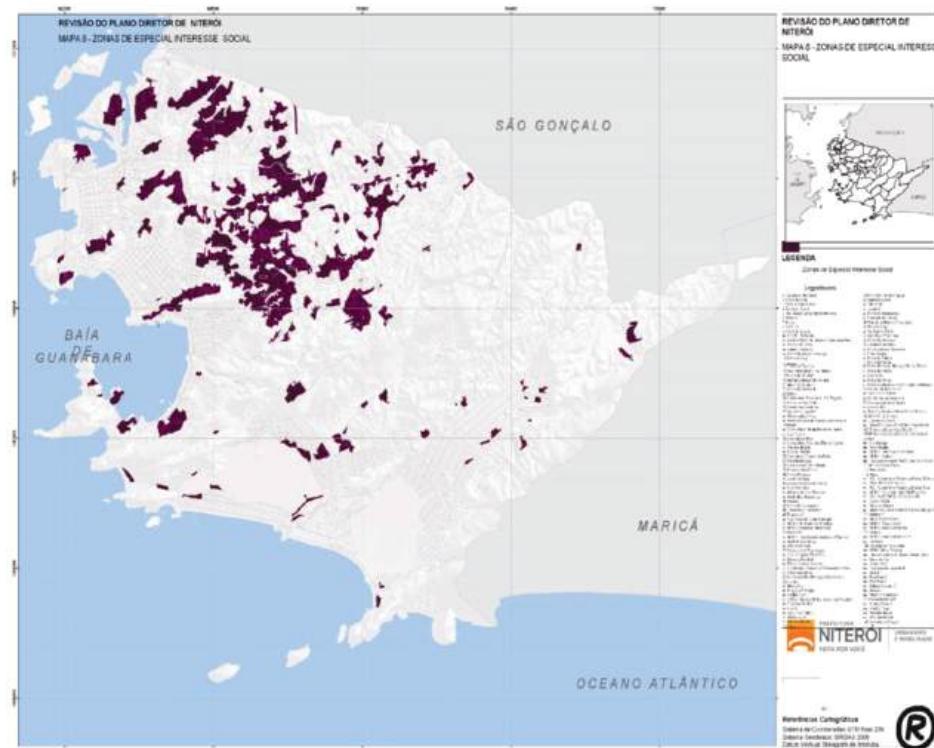
“Quando nasceu Vera eu fiquei sosinha aqui na favela. Não apareceu uma mulher para lavar minhas roupas, olhar os meus filhos. Os meus filhos dormiam sujos. Eu fiquei na cama pensando nos filhos, com medo deles ir brincar nas margens do rio. Depois do parto a mulher não tem forças para erguer um braço. Depois do parto eu fiquei numa posição incomoda. Até quando Deus deu-me forças para ajeitar-me.”

(JESUS, 2014, p. 57).



DE ONDE SÃO AS MULHERES DESTA PESQUISA?

Mapa de localização de Niterói



As mulheres entrevistadas são das comunidades da Cotia, Cavalão, Maceió, Morro do Estado e Morro da Galinha/Cantagalo.



Nome	Idade	Estado Civil	Escolaridade	Filhos(as)	Trabalho	Programas de Assistência
Conceição	39	Viúva	6º ano do Ensino Fundamental	João (22), Ana (16), Pedro (14), Rafaela (11), Lucas (1)	-----	Não
Beatriz	44	Casada	Superior Incompleto	Paulo (19), Rafael (15)	CLIN	Não
Patrícia	34	Separada	Superior Completo	Guilherme (14)	Repcionista (hospital municipal, terceirizada)	Não
Dandara	38	Separada	Superior Incompleto	Maria (22), Julio (16), Alan (10)	Faz faxina e vende salgadinhos por encomenda	Sim – Bolsa Família
Neuza	39	Casada	6º ano do Ensino Fundamental	Milena (25), Henrique (24), Ryan (20), José (21), Eduarda (18), Vinicius (17), Fernando (10)	Faz quentinhos, bolos para vender e é manicure	Sim – Bolsa Família



“(...) a maternidade não foi/é produzida e reproduzida da mesma forma para **mulheres brancas/ricas e para mulheres negras/pobres**. A estas cabem julgamentos morais e questionamentos sobre a quantidade de filhos que têm, sobre a forma com que cuidam deles, sobre a conduta e o destino de seus filhos, sobre o trabalho que realizam etc. Ser culpabilizada pela quantidade de filhos que têm e pela ausência do pai, por exemplo, são dimensões das opressões de gênero, raça e classe.

A execução da maternidade para as mulheres negras, então, além de estar relacionada às tradicionais cobranças impostas às mulheres de uma forma geral, é impactada, inclusive, pela **negação do direito a essa maternidade** e da existência de seus filhos. Acrescento ao debate a questão da favela: **mulheres negras, pobres e moradoras de favelas**, além de arcarem com as cobranças sociais sobre a maternidade, cuidarem de seus filhos (e, em muitos casos, dos filhos de outras mulheres) lidam, também, com **preocupações dobradas referente à saúde, à vida e ao futuro de seus filhos, jovens negros num contexto de extrema violência e violação de direitos humanos**. “ (VIANA, 2021, p.2)

Para as comunidades negras, toda forma de vínculos familiares era dificultada e as **mulheres precisavam reprimir seus sentimentos como método** para se manterem vivas (HOOKS, 2010). Para as mulheres negras, e também indígenas, vistas “como instrumentos que garantiam a ampliação da força de trabalho (...), o mito da maternidade não se estendia” (DAVIS, 2016, p. 20).



O trabalho de cuidado e limpeza, sobretudo exercido por mulheres racializadas, é indispensável, necessário e imprescindível para o funcionamento das dinâmicas capitalistas, neoliberais raciais e patriarcais. Por outro lado, ele também é um trabalho invisível, que deve permanecer imperceptível.

"Todos os dias, em todo lugar, milhares de mulheres negras, racializadas, "abrem" a cidade. Elas limpam os espaços para que o patriarcado e o capitalismo neoliberal precisam para funcionar. Elas desempenham um trabalho perigoso, mal pago e considerado não qualificado, inalam e utilizam produtos químicos tóxicos e empurram ou transportam cargas pesadas, tudo muito prejudicial à saúde delas. Geralmente, viajam por longas horas de manhã cedo ou tarde da noite. Um segundo grupo de mulheres racializadas, que compartilha com o primeiro uma interseção entre classe, raça e gênero, vai às casas da classe média para cozinhar, limpar, cuidar das crianças e das pessoas idosas para que aquelas que empregam possam trabalhar, praticar esporte e fazer compras nos lugares que foram limpos pelo primeiro grupo de mulheres racializadas." (VERGÈS, 2020)

Mulheres negras, trabalhadoras, das classes mais pobres estão majoritariamente vinculadas a condições de trabalho precarizadas, ao subemprego e a informalidade, enfrentam no seu cotidiano jornadas de trabalho exaustivas, mal remuneradas e distantes de seus locais de moradia. E, embora seja um grande avanço a participação feminina no mercado de trabalho brasileiro dos anos 1980 para cá, não falamos das mesmas condições das mulheres trabalhadoras das classes média ou alta.





Na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD 2022). Em 2022, a taxa de participação das mulheres com 15 anos ou mais de idade no mercado de trabalho foi de 53,3%. Entre os homens a taxa alçou 73,2%, em média, ou seja, uma diferença de 19,8 pontos percentuais (p.p.). Os dados apontam ainda para a necessidade de conciliação da dupla jornada de trabalho, o que tende a impactar sua inserção ocupacional. Em 2022, 28,0% das mulheres estavam ocupadas em tempo parcial (de até 30 horas semanais), quase o dobro (14,4%) do verificado para os homens. Se observarmos este dado por cor ou raça, as mulheres pretas ou pardas exerciam mais o trabalho parcial (30,9%) em comparação com as brancas (24,9%).

1º Relatório Nacional de Transparência Salarial e de Critérios Remuneratórios Produzido pelos Ministérios do Trabalho e Emprego e das Mulheres em 2024 traz um balanço das informações enviadas por quase cinquenta mil estabelecimentos com 100 ou mais empregados, a maioria deles (73%) com 10 anos ou mais de existência. Estes estabelecimentos juntos somam quase 17,7 milhões de empregados. Segundo os dados, extraídos da RAIS 2022 e complementados com informações de 2024, o salário mediano de contratação das mulheres negras (R\$1.566,00) corresponde a 82% da média (R\$1.901,00), enquanto o dos homens não negros era 19% superior à média. A remuneração média das mulheres negras (R\$ 3.041,00) equivale a 68% do valor médio (R\$4.472,00), e o salário dos homens não negros era 27,9% maior que o valor médio.





O QUE ESTA MULHER FALA PARA A ESCOLA?



IMAGEM CEDIDA PELA MULHER ENTREVISTADA AQUI IDENTIFICADA COMO PATRÍCIA. A PESQUISADORA E AS MULHERES PARTICIPANTES DA PESQUISA DEFINIRAM QUE, ASSIM COMO NA DISSERTAÇÃO, USARÍAMOS NO EBOOK OS NOMES FICTÍCIOS.





A ESCOLA É FUNDAMENTAL

- As escolas são primordiais para que as mães consigam cuidar e dar condições de vida melhores para seus filhos e suas filhas;
- É espaço de acolhimento não somente dos filhos e filhas, mas da família, que tem na instituição de ensino uma aliada essencial para a sua reprodução social.

“A creche municipal me salvou em muitos momentos.” (Beatriz)

“Nunca consegui dar conta de tudo. Minha sorte era ter a creche pra deixar meus filhos e conseguir trabalhar.” (Neuza)

“A escola me ajudou a criar meus filhos.” (Conceição)

“Deixava meus filhos tranquilamente na escola pra poder trabalhar. Sempre foi o suporte pra mim.” (Dandara)



IMAGEM CEDIDA PELA MULHER ENTREVISTADA AQUI IDENTIFICADA COMO DANDARA. A PESQUISADORA E AS MULHERES PARTICIPANTES DA PESQUISA DEFINIRAM QUE, ASSIM COMO NA DISSERTAÇÃO, USARÍAMOS NO EBOOK OS NOMES FICTÍCIOS.





A ESCOLA É ACOLHIMENTO DE DIFERENTES ARRANJOS FAMILIARES

- Boa parcela das mães vive a experiência da maternidade solo. Muitas delas vivem contextos de múltiplas jornadas de trabalho;
- As mães estão buscando aprimorar sua formação acadêmica. Mães estão se matriculando cada vez mais em cursos universitários.

“Em alguns momentos me senti mal na escola por não conseguir fazer as atividades com meus filhos. Algumas vezes a escola entendeu em outras não. Me sentia muito melhor e aliviada quando a escola entendia meu lado.” (Neuza)

“Eu sempre trabalhei e cuidei do meu filho. Não foi fácil. Minha sogra e a escola foram importantes demais pra que eu conseguisse manter meu trabalho e dar sustento necessário para o meu filho.” (Patrícia)

“Hoje, além de trabalhar, eu faço faculdade. Por isso também vejo que a escola é importante pra mim e para os meus filhos. A escola me ajuda a trabalhar, a estudar e a cuidar dos meus filhos.” (Dandara)





O AMOR DAS MÃES É MAIS DO QUE AFETO

- As mães negras vivem uma experiência de maternidade atravessada pelo histórico de múltiplas opressões, o que tem efeito sobre a convivência com a prole;
- Muitas vezes onde a escola enxerga falta de afeto, há cuidado e proteção exercido por mães que foram pouco cuidadas e protegidas;
- Para esta mulher o exercício da maternidade é antes de tudo a possibilidade de viver e garantir que seus/suas filhos/filhas vivam.

“Às vezes eu precisei ser dura com meus filhos. Mas não era falta de amor. Era necessidade de manter as coisas organizadas pra que eu pudesse dar conta de trabalhar e sustentar a família.” (Beatriz)

“Sei que nem sempre fui amorosa com meus filhos. Mas eu os amo muito. Só fiquei viva por causa deles.” (Neuza)





O ARRANJO FAMILIAR NA COMUNIDADE PERIFÉRICA É MARCADO POR UMA REDE DE APOIO E SOLIDARIEDADE QUE EXTRAPOLA A UNIDADE DOMICILIAR

- As mulheres se ajudam mutuamente e são redes de apoio de outras mulheres (concretização de Redes de Apoio a partir das mulheres e com as mulheres);
- Mulheres promovem atividades de socialização em duas comunidades;
- Ampla participação das mulheres, em especial das mulheres negras e periféricas em ações de direitos humanos e na eliminação de desigualdades socioeconômicas, raciais, de gênero e sexualidade;
- São as mulheres que estão envolvidas em “novas formas de compreender a organização da sociedade brasileira” e vem criando “estratégias para a garantia de direitos e o enfrentamento de dinâmicas de violência e conflitos”.

“Não é fácil criar cinco filhos. Sem a ajuda da escola e das mulheres da minha família eu não conseguiria.” (Conceição)

“Só pude contar com a ajuda da minha mãe depois que me separei.” (Patrícia)

“Na comunidade sei que muitas pessoas olham meus filhos quando eu estou trabalhando. Nada acontece sem eu saber.” (Neuza)

“Preciso de ajuda dos vizinhos algumas vezes pra saber se meu filho chegou em casa.” (Patrícia)

“Gosto de reunir a garotada para o futebol no campo. É uma maneira de fortalecer a comunidade e de reunir as crianças pra não ficarem soltas na rua.” (Conceição)





A ESCOLA PODE FAZER UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA E ANTISSEXISTA

- Legados da sociedade colonial, como o patriarcado e o racismo, se fazem presentes em instituições como a escola, principalmente naquelas que insistem na tese de que podem fazer uma educação que não esteja socialmente referenciada;
- As mães adquiriram conhecimento e experiências que ajudam no diálogo sobre racismo com seus filhos e suas filhas;
- O racismo é um assunto importante entre mães e filhos e filhas;
- As creches são espaços cada vez mais necessários. A educação infantil além de ser um direito da criança é também um direito da mulher. Creches públicas são essenciais para que nossa sociedade comece a avançar nos assuntos referentes a equidade de condições de trabalho entre homens e mulheres.

“A escola me ajuda a educar meus filhos negros. Me ajuda a dialogar com eles sobre o racismo que eles precisam enfrentar.” (Beatriz)

“Acho que com meus filhos eu entendi que podia viver melhor a minha vida. Hoje, eu estar numa faculdade, tem muito a ver com isso. A trajetória escolar dos meus filhos me ajudou a perceber que eu podia fazer mais por mim.” (Dandara)





SOBRE A POTÊNCIA DO DIÁLOGO ENTRE A ESCOLA E AS MÃES

- As mães estão buscando fortalecer os vínculos com as escolas. Querem que a boa relação entre família e escola reforce o desenvolvimento social, cognitivo e emocional de suas/eus filhas/os;
- A escola precisa problematizar os fatos expressivos de desigualdade de gênero que sacrificam e impõem as muitas jornadas de trabalho às mulheres.

“Sempre que precisou eu fui à escola direto. Eu sempre fui a mãe chata. Se me der confiança não saio da escola. Gosto muito de estar na escola. Acho que é carência por ter saído cedo da minha.” (Conceição)

“Sempre busquei diálogo com as escolas onde meus filhos estudaram. Podia ser na hora de levar ou buscar ou por telefone ou pela agenda.” (Beatriz)

“Eu mesma ia deixar meus filhos na escola. Sempre estava por ali.” (Neuza)





COMO AS ESCOLAS FAZEM DIFERENÇA NA VIDA DESTAS MULHERES?

As escolas formam dentro e fora de seus espaços. Ao construírem uma educação socialmente referenciada, antirracista, antissexista, desconstruindo os preconceitos e desenvolvendo o conhecimento crítico da realidade, contribuem para mudar a vida dos estudantes, de suas famílias e também a própria sociedade.

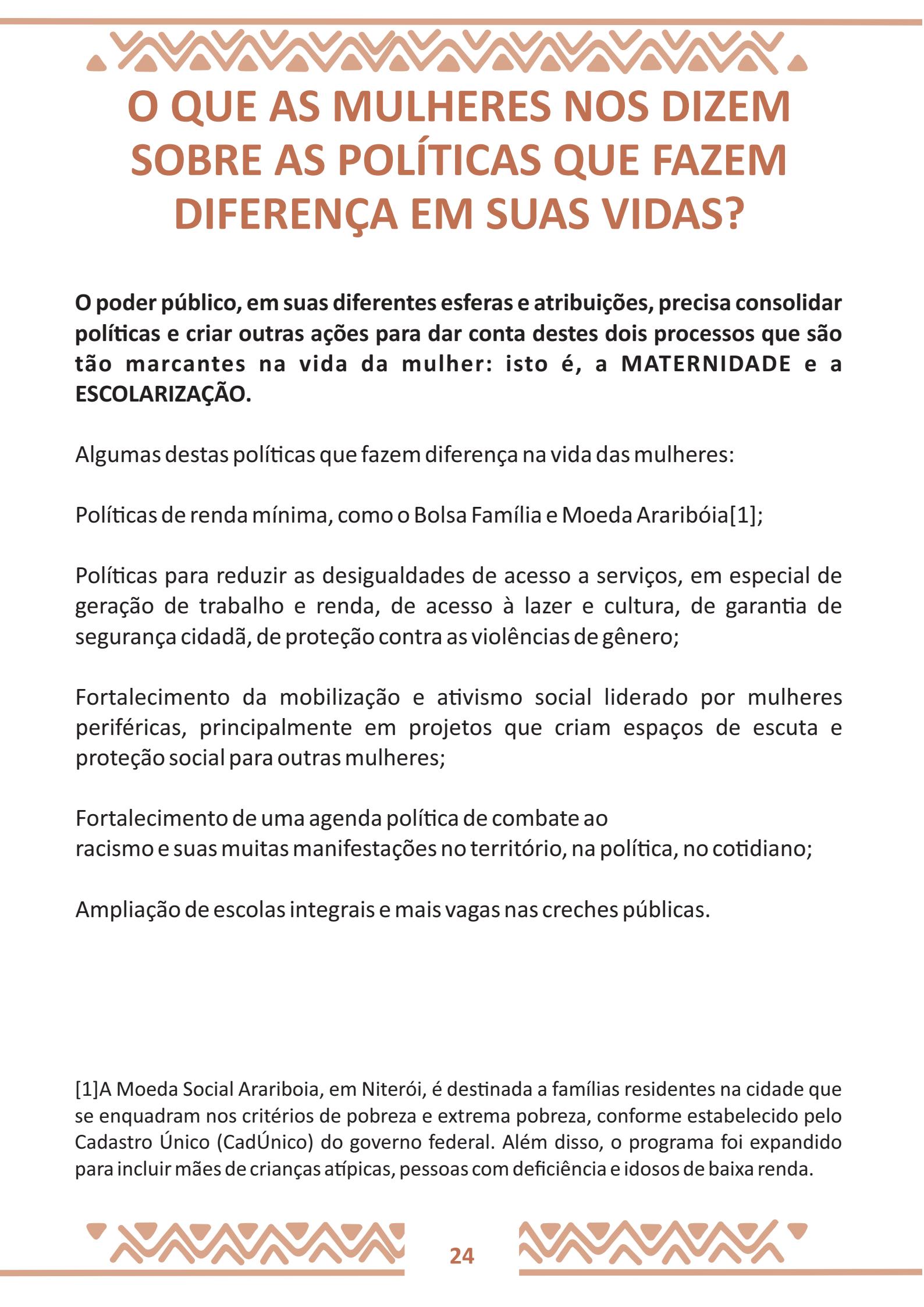
As escolas que adotam uma gestão democrática, que abrem espaço de escuta e diálogo com a comunidade escolar, podem contribuir muito para formação dos estudantes e para que as famílias sejam efetivamente partícipes neste processo.

As escolas precisam reconhecer que as mulheres-mães da periferia vivem múltiplas opressões e que o trabalho que é exercido por elas com seus filhos e filhas tem legitimidade, porque é realizado neste contexto de adversidades. Portanto as escolas, seus docentes e funcionários, também precisam se educar para entender melhor esta realidade e repensar práticas cotidianas que reproduzem o assujeitamento das mulheres.



IMAGEM CEDIDA PELA MULHER ENTREVISTADA AQUI IDENTIFICADA COMO CONCEIÇÃO. A PESQUISADORA E AS MULHERES PARTICIPANTES DA PESQUISA DEFINIRAM QUE, ASSIM COMO NA DISSERTAÇÃO, USARÍAMOS NO EBOOK OS NOMES FICTÍCIOS.





O QUE AS MULHERES NOS DIZEM SOBRE AS POLÍTICAS QUE FAZEM DIFERENÇA EM SUAS VIDAS?

O poder público, em suas diferentes esferas e atribuições, precisa consolidar políticas e criar outras ações para dar conta destes dois processos que são tão marcantes na vida da mulher: isto é, a MATERNIDADE e a ESCOLARIZAÇÃO.

Algumas destas políticas que fazem diferença na vida das mulheres:

Políticas de renda mínima, como o Bolsa Família e Moeda Araribóia[1];

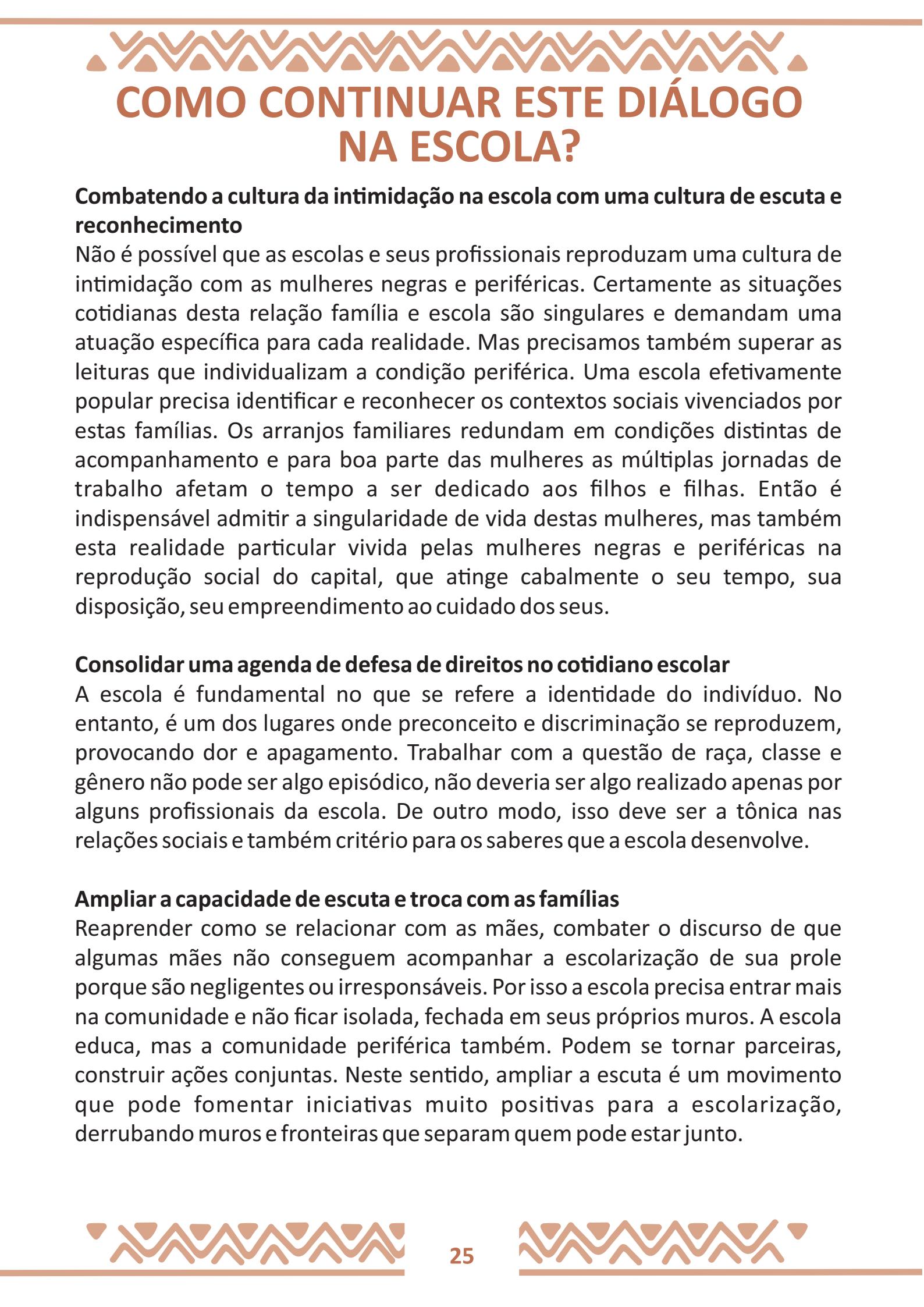
Políticas para reduzir as desigualdades de acesso a serviços, em especial de geração de trabalho e renda, de acesso à lazer e cultura, de garantia de segurança cidadã, de proteção contra as violências de gênero;

Fortalecimento da mobilização e ativismo social liderado por mulheres periféricas, principalmente em projetos que criam espaços de escuta e proteção social para outras mulheres;

Fortalecimento de uma agenda política de combate ao racismo e suas muitas manifestações no território, na política, no cotidiano;

Ampliação de escolas integrais e mais vagas nas creches públicas.

[1]A Moeda Social Arariboia, em Niterói, é destinada a famílias residentes na cidade que se enquadram nos critérios de pobreza e extrema pobreza, conforme estabelecido pelo Cadastro Único (CadÚnico) do governo federal. Além disso, o programa foi expandido para incluir mães de crianças atípicas, pessoas com deficiência e idosos de baixa renda.



COMO CONTINUAR ESTE DIÁLOGO NA ESCOLA?

Combatendo a cultura da intimidação na escola com uma cultura de escuta e reconhecimento

Não é possível que as escolas e seus profissionais reproduzam uma cultura de intimidação com as mulheres negras e periféricas. Certamente as situações cotidianas desta relação família e escola são singulares e demandam uma atuação específica para cada realidade. Mas precisamos também superar as leituras que individualizam a condição periférica. Uma escola efetivamente popular precisa identificar e reconhecer os contextos sociais vivenciados por estas famílias. Os arranjos familiares redundam em condições distintas de acompanhamento e para boa parte das mulheres as múltiplas jornadas de trabalho afetam o tempo a ser dedicado aos filhos e filhas. Então é indispensável admitir a singularidade de vida destas mulheres, mas também esta realidade particular vivida pelas mulheres negras e periféricas na reprodução social do capital, que atinge cabalmente o seu tempo, sua disposição, seu empreendimento ao cuidado dos seus.

Consolidar uma agenda de defesa de direitos no cotidiano escolar

A escola é fundamental no que se refere a identidade do indivíduo. No entanto, é um dos lugares onde preconceito e discriminação se reproduzem, provocando dor e apagamento. Trabalhar com a questão de raça, classe e gênero não pode ser algo episódico, não deveria ser algo realizado apenas por alguns profissionais da escola. De outro modo, isso deve ser a tônica nas relações sociais e também critério para os saberes que a escola desenvolve.

Ampliar a capacidade de escuta e troca com as famílias

Reaprender como se relacionar com as mães, combater o discurso de que algumas mães não conseguem acompanhar a escolarização de sua prole porque são negligentes ou irresponsáveis. Por isso a escola precisa entrar mais na comunidade e não ficar isolada, fechada em seus próprios muros. A escola educa, mas a comunidade periférica também. Podem se tornar parceiras, construir ações conjuntas. Neste sentido, ampliar a escuta é um movimento que pode fomentar iniciativas muito positivas para a escolarização, derrubando muros e fronteiras que separam quem pode estar junto.

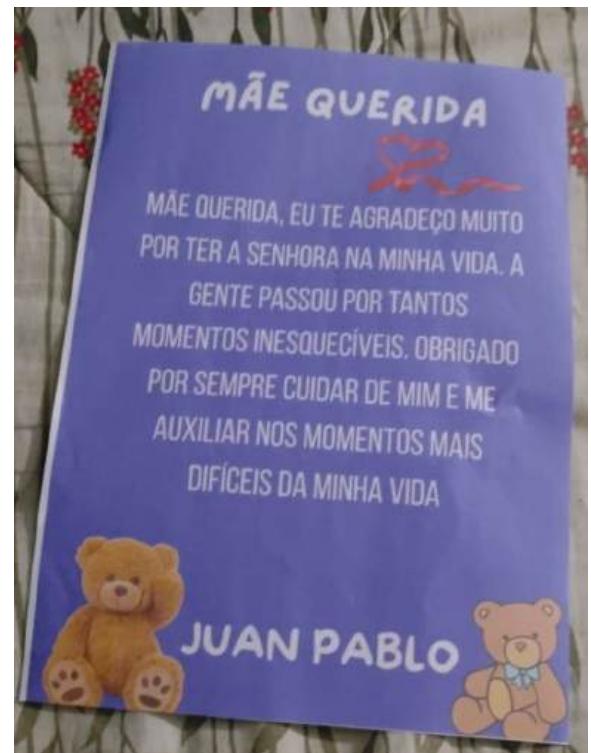
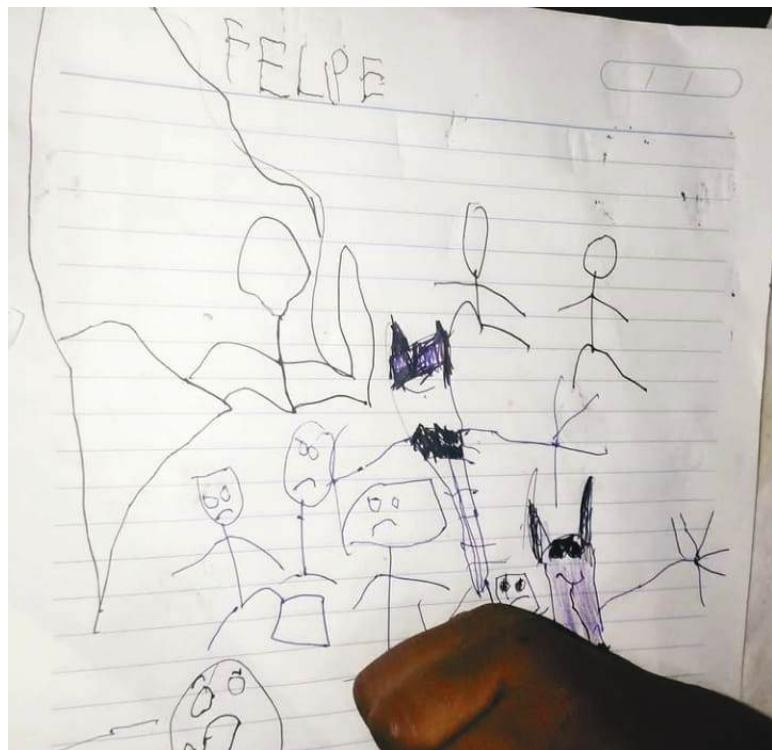
CONCLUSÃO

Trazer as narrativas sobre maternidade de mulheres negras é, sem dúvida, disputar narrativas que há muito têm sido universalizadas e há muito também já sabemos dos perigos de uma história única como bem nos lembra Chimamanda Ngozi, em seu TED, intitulado “O perigo de uma história única”, no qual resgata exemplos de como as visões eurocêntricas sempre criaram a possibilidade de apenas um enredo. A escritora retoma como é limitante pensarmos a partir de apenas uma visão de mundo e o quanto todos perdemos significativamente ao fazermos isso.

Com as palavras de Chimamanda, justifico meu Produto Educacional. Para que mulheres negras elaborem suas versões de si em relação à maternidade, criando desse modo outras narrativas para a maternidade, contando uma versão da história pouco ouvida e quase nunca perguntada.



IMAGEM CEDIDA PELA MULHER ENTREVISTADA AQUI IDENTIFICADA COMO BEATRIZ. A PESQUISADORA E AS MULHERES PARTICIPANTES DA PESQUISA DEFINIRAM QUE, ASSIM COMO NA DISSERTAÇÃO, USARÍAMOS NO EBOOK OS NOMES FICTÍCIOS.



“Eu quase choro. Ele sabe escrever o nome.”



IMAGEM CEDIDA PELA MULHER ENTREVISTADA AQUI IDENTIFICADA COMO CONCEIÇÃO. A PESQUISADORA E AS MULHERES PARTICIPANTES DA PESQUISA DEFINIRAM QUE, ASSIM COMO NA DISSERTAÇÃO, USARÍAMOS NO EBOOK OS NOMES FICTÍCIOS.



Axé das MÃES – narrativas de mulheres negras e periféricas

NOTA: As imagens usadas neste e-book foram selecionadas pelas mulheres da pesquisa, mas seguiremos sem identificação dos nomes, preservando a identidade das entrevistadas. As figuras foram escolhidas por serem imagens de afeto e preservadas como memória importante para as mulheres narradas neste trabalho.

Este material constitui o produto final do Curso de Mestrado Profissional do Programa de Pós-Graduação de Ensino em Educação Básica do CApUERJ, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARVALHO, Márcia Regina Alves de. Mulheres Negras, Trabalhadoras e Mães: A maternidade e as estratégias de acompanhamento do processo de escolarização de seus filhos e filhas. 2025. 121f. Dissertação. (Mestrado Profissional em Ensino em Educação Básica) – Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2025.

DAVIS, A. Mulheres, Raça e Classe. Tradução: Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016

JESUS, C.M. Quarto de despejo: diário de uma favelada. 9ª. ed. (Edição Popular). São Paulo: Livraria Francisco Alves, 1960.

NGOZI, C. A. O perigo de uma história única. Palestra proferida no TED Global, 2009.

VERGÈS, Françoise. Um feminismo decolonial. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

VIANA, Ananda Silveira. Maternidade na favela: Um estudo de caso de duas mães moradoras do Complexo do Alemão, Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais - UFJF v. 16 n. 1 Junho. 2021 ISSN 2318-101x (on-line) ISSN 1809-5968

SOBRE AS AUTORAS

MARCIA REGINA ALVES DE CARVALHO

Professora, formada em Pedagogia pela Universidade Federal Fluminense (2008). Professora da Rede Municipal de Educação de Niterói desde 2003. Tem experiência na área de Educação Infantil, Educação de Jovens e Adultos e Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Membra do Projeto de Extensão Estudos Coletivos Entre Mulheres: sobre corpos/corpus femininos. Cursa o Mestrado Profissional pelo Programa de Pós-Graduação de Ensino em Educação Básica (PPGEB), do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAP), da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

MONICA REGINA FERREIRA LINS

Bacharel e Licenciada em História pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1996), Mestre em Educação Brasileira pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1999) e Doutora em Políticas Públicas e Formação Humana (PPFH-UERJ) (2012). Professora Associada da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Professora do Programa de Pós-graduação de Ensino em Educação Básica (PPGEB). Líder do Grupo de Pesquisa em Políticas Públicas, Movimentos Sociais e Culturas (GPMC-UERJ). Vice-líder do Grupo de Estudos em Práticas Educativas, Juventudes e Infâncias (GEPEJI). Membra do Projeto de Extensão Estudos Coletivos Entre Mulheres: sobre corpos/corpus femininos. Com produção acadêmica concentrada nas seguintes temáticas: Direitos Sociais e História da Infância e Juventude no Brasil, Ensino de História nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental; Relações Étnico-raciais e Educação; História da Educação e das Políticas Públicas em Educação.



A linha editorial DIÁLOGOS destina-se à divulgação de produções científicas voltadas para o professor, em que se estabeleça a relação entre a teoria e a prática na promoção de saberes sobre a educação, em suas diversas áreas de conhecimento, cabendo a experimentação metodológica e a abordagem multidisciplinar.

